

PIM DAM PUM

SUPLEMENTO
INFANTIL DO JORNAL
O SECULO

Direcção de AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XV

LISBOA, 28 DE MARÇO DE 1940

N.º 739

EM PLENA ÁFRICA AUSTRAL

ADAPTAÇÃO DE G. B. ♦ (Continuado do número anterior)

A embarcação avançava rapidamente e quasi tocava já a margem. Foi lançada uma amarra e, dentro em pouco, um homem, de grande estatura, saltava, lestando, para terra, dirigindo-se ao astrónomo, enquanto os outros, por sua vez, também desembarcavam.

William Emery avançou para o homem, exclamando:

— «O coronel Everest?»

— «M. William Emery?» — respondeu o coronel.

O astrónomo e o seu colega do observatório de Cambridge saudaram-se, apertando as mãos.

— «Senhores—exclamou, em seguida, o coronel Everest, voltando-se para os companheiros—permitam-me que lhes apresente o célebre William Emery, do Observatório da Cap-Town que teve a gentileza de nos esperar aqui, junto às quedas de água do Morgheda, conforme o combinado.»

Os quatro companheiros do coronel Everest, saudaram sucessivamente o jovem astrónomo, que lhes retribuiu as saudações.

Depois, o coronel apresentou-os oficialmente: — «Sir John Murray, do Devoushire, vosso compatriota; M. Mattien Struy, do Observatório de Poulkova; M. Nicolas Pahander, do Observatório de Helsinki e M. Michel Zorn, do Observatório de Kiew, três sábios

que representam os seus governos na nossa comissão internacional.

Após as apresentações, Emery pôs-se à disposição dos cinco homens, mas, antes disso, apresentou-lhes, também, o seu amigo «bushman»:

— «Permitam-me, agora, meus Senhores, que lhes apresente o caçador Mokum.»

— «O seu nome é bem conhecido, exclamou o coronel Everest. Você foi amigo de Anderson e o guia de Livingstone, que nos honra com a sua amizade.»

Estou encantado por ser o nosso guia e felicito Emery pela bela escolha que fez.»

Um sorriso de satisfação passou pelos lábios do «bushman».

★

As seis horas da manhã, o coronel Everest deu o sinal da partida, que seria feita na bela embarcação que os tinha trazido à África Austral.

No momento em que a embarcação largava a amarra, o coronel Everest perguntou a William Emery:

— «A propósito: sabe o que vimos fazer aqui?»

— «Ignoro-o — respondeu, prontamente, o jovem inglês.

— «É muito simples, mas pouco definido. Vimos fazer alguns estudos só-



re o arco do meridiano da África Austral.»

★

A viagem através do Orange fez-se sem nenhum incidente digno de registo. Em quatro dias a embarcação venceu as duzentas e quarenta milhas que separam as cataratas de Morgheda, do Kuruman, um dos afluentes que sobem até à cidade de Lattakon, onde era esperada a expedição do coronel Everest.

Dentro em pouco, todos saltavam para terra, onde eram aguardados pelo reverendo Thomas Dale, director dos missionários de Lattakon e por outras individualidades da terra.

Três dias depois duma estadia na cidade, onde foram cercados de todas as honrarias, os nossos homens, com bastantes indígenas, compondo uma grande caravana de perto de cem homens, partiram, a cavalo, para o interior. Imediatamente o deserto, com os seus perigos, as suas fadigas, os seus acasos, se estendeu ante os olhos dos viajantes.

Os dias passavam-se na caminhada monótona, sem que qualquer incidente viesse perturbar a marcha da caravana. Apenas John Murray abateu um curioso animal, semelhante a um boi, que caiu com um gemido pesado e surdo.

O «bushman» ficou maravilhado ao ver a fera, com uma tal precisão, apesar da distância, tomar dum golpe.

Caminhavam lentamente, indo à frente Mokum que levava a seu lado sir John Murray com quem se entendia perfeitamente, quando o «bushman», depois de ter olhado o solo com atenção, exclamou para o companheiro:

— «Se sir Murray sair amanhã cedo,



para este lugar, não se esqueça de trazer a carabina, bem preparada.»

O Inglês olhou-o, com espanto. — «Que queres dizer com isso?» — exclamou.

— «Estes traços frescos que vejo gravados no solo...» — respondeu Mokum, indicando a terra.

— «O quê?! estes largos traços são marcas de passagem de animais? Mas de que tamanho deveriam ser as suas patas!...»

O «bushman» sorriu. Por fim, respondeu tranquilamente: — «Tem razão, sr. E' de facto um animal de proporções pouco delicadas...»

John Murray gritou: — «Um elefante?! Seria um elefante?!»

— «Exactamente, sr.»

O olhar do Inglês brilhava de alegria. Por fim, disse: — «Vamos descansar para o acampamento. E' quasi noite. Até amanhã, «bushman».»

— «Até amanhã, sr.»

E os dois caçadores partiram em silêncio. No acampamento todos felicitaram John Murray pelo bom selvagem que tinha morto nessa tarde, a excepção de Mattien Strux, que, a respeito de animais, só conhecia a Grande-Ursa, o Dragão, o Centauro, o Pégaso e outras constelações da fauna celeste...

No dia seguinte, logo de madrugada, os dois companheiros de caça, — Mokum e sr. John Murray — direitos sobre os seus cavalos, os cães ao lado, esperavam, atentamente, a chegada dos paquidermes.

Ambos estavam armados com carabinas de balas explosivas. Observavam atentamente todos os ruídos, quando, passada uma hora, imóveis e silenciosos, viram o sombrio massiço que, do alto do soute, se agitou fortemente...

Sr. John Murray ergueu a carabina, mas Mokum, num gesto rápido, fez-lhe sinal para moderar a sua impaciência.

Entretanto, grandes sombras se iam desenhando, á sua vista. Ouvia-se o estalar dos troncos caídos das árvores, sob uma pressão irresistível. O bosque todo gemia! Um sópro morno passava através das ramadas das árvores. Contava-se já uma meia dúzia de gigantescos elefantes, quasi tão grandes como os da Índia!

Avançavam lentamente em direcção ao charco.



O dia, que ia aclarando a pouco e pouco, permitia já, a sr. John Murray, admirar os gigantescos animais.

Um deles, sobretudo, um macho, de altura descomunal, atraía a sua atenção.

As orelhas enormes caíam-lhe quasi até ao peito. As suas enormes dimensões pareciam alda ampliar-se pela penumbra. Caminhava pesadamente e havia, no fundo dos seus pequeninos olhos, qualquer brilho que denunciava o pressentimento dum perigo próximo... Entretanto, o «bushman», inclinando-se para o ouvido do seu companheiro, perguntou-lhe: — «Agrada-lhe este?»

Sr. John fez um sinal afirmativo. «Bom!» — exclamou Mokum — separa-lhe-os do resto do grupo.»

Neste momento, os elefantes chegavam á borda do charco. O grande macho, seriamente inquieto, olhava em volta de si...

Entretanto, o «bushman» soltou um grito particular. Logo os cães se precipitaram sobre o grupo dos paquidermes. Ao mesmo tempo Mokum, depois de ter dito ao seu companheiro: — «Fique aqui!» — saltou a molta, no seu bravo cavalo, de maneira a cortar a saída ao grande elefante.

O magnifico animal, allás, não procurava fugir. Sr. John, o dedo sobre o gatilho da carabina, observava... O elefante derrubava as árvores com a tromba, dando agora, não apenas sinais de inquietação mas de cólera. Até en-

tão, apenas tinha pressentido o inimigo: agora via-o na sua frente.

Sr. Murray estava, então, a uns 60 passos de distância do animal e, assim que o viu a 40 passos, visando-o no flanco, fez fogo.

Porém, um movimento do cavalo desviou a direcção do tiro e a bala passou atravésou carnes moles, sem encontrar um obstáculo suficiente para explodir.

O elefante, furioso, precipitou-se na correria atrás do cavalo de sr. John Murray. O caçador, apertava-o, vigorosamente, entre os joelhos, procurando carregar a carabina. Entretanto, o elefante alcançava-os. A luta que se travou foi horrível.

Dentro em pouco, o cavalo tombava para o lado, com um gemido de dor. Sr. John conseguiu escapar-se-lhe da vista, graças a um cão que o elefante se entreteve a esmagar como uma mosca. Sr. Murray, ensanguentado e roto, mantendo, contudo, um excepcional sangue frio, apontou a arma ao animal.

A bala, encontrando um osso explodiu. O animal cambaleou e caiu por terra. Arrastando-se até junto dum ribeiro começou, com o auxílio da tromba, a lavar, com água, os ferimentos, soltando gritos aflitivos.

Neste momento surgiu o «bushman», gritando: — «E' nosso! E' nosso!»

(Continua no próximo numero)

calculavam que houvesse, nos mares, peixes tão encantadores...

ZANCLO



Habita os mares da Africa Oriental. Este curioso peixe tem um aspecto interessantissimo. E bem verdade que na fauna mari-

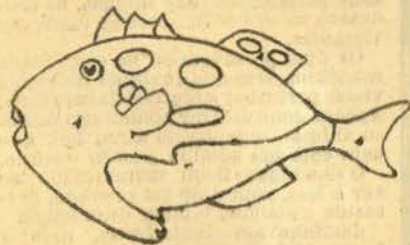
No Reino dos Bichos

Desenhos para colorir

PEIXE da INHACA

Peixe exótico, pintalgado, de olho franzido, ficará lindo se o colorirem da seguinte maneira:

Com cor de rosa a parte marcada

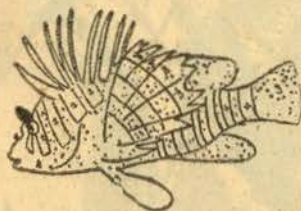


com o n.º 1, isto é, o corpo todo, excepto as manchas marcadas com o n.º 2 e as marcadas com o n.º 4 que são, respectivamente, castanhas e ama-

relas. A cauda e as extremidades das barbatanas são encarnadas.

E aqui temos o bicharoco pronto a figurar na colecção.

PTEROIS



Animalejo de aspecto bem patusco; é verde (1), com manchas brancas. O ventre é castanho (2).

Habituaados a ver sardinhas e linguados, certamente os meninos não

O CAGADO TROCISTA



UMA noite, de muito calor, estava uma simpática rã sentada à borda do lago onde vivia. Coaxava alegremente quando viu, próximo dela, a Dona Salamandra que, por gostar muito de música, todas as noites a ouvira, gabando a sua linda voz. Quando já estava cansada de tanto cantar, Dona Rã deu um pulo para dentro de água, nadou, fez várias cabriolas e sentou-se na grande folha de um nenúfar, planta que havia no meio do lago. E a Dona Salamandra, que tinha estado todo este tempo

observá-la, pensou que devia ser muito agradável vel andar aos saltinhos dentro da água, numa noite de tanto calor. E, também quis experimentar: deu um salto e atirou-se para dentro do lago. Mas como não se lembrou que não sabia nadar, ficou aflitíssima a agitar as patitas sem saber conservar-se à superfície da água. A Dona Rã, logo que viu o que tinha acontecido à sua amiga, mergulhou ágilmente e, em duas braçadas, chegou ao pé de Dona Salamandra, dizendo-lhe:

— «Acalme-se, não se assuste, segure-se aqui, à minha perna, que eu levo-a para

terra.» E Dona Salamandra lá foi rebocada. Quando se apanhou fora da água, vieram-lhe as lágrimas aos olhos, de alegria, e deu um abraço à sua amiga. Decidiu que nunca mais na vida, molharia a sua elegante cauda.

Quem se riu muito desta aventura da pobre Salamandra, foi um cágado muito antipático, que vivia também naquele lago. Andava sempre a nadar de um lado para o outro, com a cabeça levantada e o pescoço arqueado fora da casca, a trocar dos cisnes, os verdadeiros reis d'aquêle lago. E como os via às vezes sacudir as penas da cauda, êle não se esquecia de levantar o rabito escuro e feio e sacudi-lo, também, com um ar importante.

O cágado julgava-se a pessoa de maior categoria do lago. Tinha opiniões importantes a propósito de tudo e receitas para as doenças que, às vezes, afligiam os seus habitantes. É verdade que estes não ligavam importância às sentenças médicas que êle dava, e faziam troça à sucapa.

Porque êle, além de vaidoso, era muito bruto e não fazia cerimónia nenhuma em morder os mais descarados.

Sem ser o terror do lago, em todo o caso era temido. Está claro que todas estas troças e más-criações, faziam com que ninguém gostasse d'êle.

Todos os bichos, sempre que podiam, não deixavam de lhe

fazer a sua partidinha. A Salamandra, uma vez que o viu a dormir ao sol, chegou-se ao pé e cuspiu-lhe em cima.

Outra vez que êle, trocando de Dona Rã, tentava saltar para cima de uma folha de nenúfar, aquela veio junto d'êle e fez-lhe uma desconsideração. O pior foi o que lhe aconteceu com o Cisne.



Uma vez que o Cágado Valdoso atravessava o lago, de pescoço arqueado e rabito fora da água, o senhor Dom Cisne, percebendo que êle o imitava, nadou com desembaraço e deu-lhe uma porção de bicadas fortes que, embora o não maguassem, por causa da casca, em todo o caso serviram

(Continua na pág. 7)



nha há exemplares encantadores pela bizarria das suas formas e colorido.

Os espaços marcados com o n.º 1 são vermelhos; com o n.º 2 são pretos; com o n.º 3 são azuis. O lápis amarelo deve empregar-se nas regiões marcadas com o n.º 4.

Jardim Zoológico que, diga-se de passagem, é dos melhores.

O penacho é amarelo (5). O espaço em torno dos olhos é vermelho (6).

hem como os corais. O corpo é cinzento (1), tendo nas asas penas amarelas (2) e castanhas (3). A cauda é preta (4). Vive nas Colónias.

C A M A L E Ã O

GROU



Aqui temos o grou, linda ave de que existem alguns exemplares no nosso

Vulgar em Espanha e na África do Norte, o camaleão toma a cor dos objectos onde poisa. É curioso o modo como êste réptil apanha os bichos. Põe-se muito quieto no tronco duma árvore. Faz-se verde para não ser notado no meio da folhagem. Quando o bicho passa, mestre camaleão estende a língua, apanha-o e, depois, encolhendo-a, engole-o.

É, pois, um animal útil. Podem colori-lo com a cor que desejarem.



ANEDOTAS

Durante uma longa viagem transatlântica, um pequenito, já farto de tomar só leite condensado, diz para a mãe, num desabafo:

— «Ai, mamã muito gostava eu que morresse essa vaca condensada.»

A Lilizinha, vendo pela primeira vez o leite a ferver e a entornar-se:

— «Mãezinha, venha cá depressa; o leite está maior que a caçarola!»



«A aventura de caça... mas eu nunca cacei senão a pena das pacíficas aves pernaltas... Uma vez só, tive que me haver com jaguares. Apenas tinha comigo o meu sabre, e, palavra do honra, não sei como

consegui sair da empresa!

«Um dos meus amigos, que é um verdadeiro caçador, um Nemrod, fazendo arte pela arte, censurou-me de ter massacrado uma bela pele e de me ter servido da mão esquerda numa luta de morte! Mas eu defendi a minha pele, mais preciosa do que todas as peles de animais...

Esta franca declaração fez rir toda a assistência, enquanto Lambréche continuava:

«Sabem o que eu procurava nas margens do Amazonas: a pena dessas famosas pernaltas, cujo preço sobe como a libra.

«É um excelente artigo, de fácil transporte e que não atrai a cubição dos vagabundos da planície, pouco ao facto das modas... Desta planície não falarei. Só a fotografia—que todos vocês, de resto, têm já visto no cinema—pode dar uma ideia dessa vegetação prodigiosa. Um paraíso terrestre... Mas não se fiem nêles!

«Ali, a morte oculta-se sob as flores, tudo o que vive é venenoso ou mordaz. O Brasil, a floresta brasileira, é a terra do veneno, a pátria do «curare»...» (1)

«A fim de evitar esta floresta, fizemos três quartos da viagem pela água. Uma goleta desembarcou-nos em S. Miguel, última escala dos barcos, que, como sabem, sobem o Amazonas muito alto, até junto dos Andes. Daí, uma vez a pé, outras em pirogas, durante vinte dias, seguimos o Rio-Madre até ao pântano onde toma a sua origem.

«Nesse pântano, encontram-se algumas palhetas de ouro, muito poucas. O sítio do quimérico metal, está ainda por descobrir. Deve ser para além, nas torrentes que descem do «Cerro», e essa esperança força numerosos pesquisadores a deixarem aí os ossos... O Rio-Madre, com os seus calhões, com os seus miasmas, é o inferno dos mineiros, a última carta dos desesperados, capazes de tudo e... e do resto!

«Até aqui, eu tinha vivido em paz com os meus vizinhos. Estava bem

guardado; além disso, tinha comigo oito andinos— mestiços indianos—homens rudes em quem confiava. Quanto ao seu chefe, Estevão, andino também, era meu companheiro há dez anos. De resto, o nosso acampamento—dez tendas munidas de todo o conforto possível—era defendido por uma sólida paliçada de taboões, à prova da bala.

«Graças a estas prudentes precauções, a estação da caça, a mais frutuosa de todas, acabara sem incidentes. Preparávamo-nos para regressar. Já a nossa preciosa sacotilha, as finas penas prateadas, os flocos sedosos, estavam cuidadosamente embalados em cestos de verga. Estevão ocupava-se em recrutar uma escolta, quando correu o boato de que a pena acabava de duplicar de valor e, na Europa, de... triplicar!

«Um certo Esquiros, um desses aventureiros que vão à frente dos caçadores, à procura de bons negócios—ou dum ruim golpe—a fazer, apareceu, nessa ocasião, para me comprar toda a minha carga por grosso. A minha negativa, mudou de tom, passou às ameaças:

«Você não tem razão, «caballero». O seu carregamento representa uma fortuna e sabem-no agora. Falei tarde de mais! Já os gatunos estão ao corrente do caso e não o deixarão passar...

Mostrei a porta ao aventureiro, que partiu, rosnando todas as ameaças do rico reportório hispano-americano.

«Era a guerra—e, nesse mesmo dia, começaram as hostilidades, com o ataque brusco, em uso, ali, entre os conquistadores.

«Estevão, enviado como batedor, voltou muito preocupado: os «pilhantes», uns trinta aventureiros de todo o género, bem armados, haviam bivacado a uns cem metros de nós, por detrás dum bosquezito de palmeiras anãs.

«O andino, oculto por ervas altas, pudera ouvir as suas resoluções, que não deixavam dúvidas. Eu quis ver pelos meus próprios olhos e parti em seguida, precedido do meu fiel tenente.

«Avançamos, curvados, por entre as canas. De repente, vi o andino saltar sobre um homem que fugia. Quando cheguei, o fugitivo, um espião enviado por Esquiros, estava já em terra, ligado.

«O espião, com o revólver sobre a fronte, fez confissões completas: o ataque era para essa noite, às duas horas... logo que a lua desaparecesse. Os bandidos tinham cartuchos de dinamite, com que iam quebrar a nossa paliçada. Isso era grave, muito grave.



«Voltámos, trazendo o nosso prisioneiro, que ligámos a um poste e amordaçámos. Depois, chamei Estevão de parte e comuniquéi-lhe o plano, súbitamente surgido no meu cérebro... Para grandes males, grandes remédios! É preciso salvar a preciosa mercadoria; quero dizer, partir no mesmo instante, deixando as nossas tendas levantadas, o nosso fogo aceso; a fim de, assim, enganar os piratas.

«Tinhamos uma piroga suficiente para conter a mercadoria e os viveres indispensáveis.

«Não se precisava, por consequência, de escolta.

«O importante era tomar um bom avanço aos bandidos, que iriam, certamente, lançar-se em nossa perseguição.

«Desse plano, só metade pode ser seguido—disse Estevão. As águas estão baixas, pelo que seríamos apanhados em pouco tempo. Ele tinha um outro itinerário... Tratava-se de escalar o «cerro», o massiço montanhoso, separando-nos do Amazonas, e de cortar a direita, através dos barrancos e precipícios, até S. Miguel.

«Nós dez podemos levar toda a colheita de penas.

«E os viveres?»

«Passa-se sem eles!

Viveres e carregadores encontraremos lá. Conheço o país, as passagens e os índios que o frequentam. Respondo

CAÇADORES DE PENAS



por tudo. A primeira etapa, a escalada, será rude, mas, uma vez lá em cima, encontraremos amigos que nos abastecerão.

«Terá havido caravanas que não se arrisquem por estes atalhos; outras hesitarão. Mas, uma vez lá em cima, estaremos bem!

«Esta consideração decidiu-me e dei, por consequência, as minhas instruções. Empregámos o tempo que nos restava em repartir as penas por dez fardos, cada um levantando o seu. Logo que anoiteceu, a partida começou, um por um: era a fuga premeditada.

«Levava cada um de nós, além do precioso fardo, as armas de que um andino não se separa nunca: o sabre e a carabina, com trinta cartuchos. Eu fui o último a

partir, com Estevão. Quando afovelávamos o nosso saco, chegou-nos aos ouvidos um palavreado, em cântico, de vozes roucas. Era dos piratas que, antecipadamente, celebravam a sua vitória... Respondi-lhes, pondo o nosso «fonógrafo» a trabalhar—um alto-falante gigante, capaz de vociferar durante quinze minutos, e retirei-me, rindo à sacapa.

«A primeira etapa, a escalada com o sacco, foi muito rude, com efeito. Andando, lamo-nos agarrando a folhas de côco. Enfim, pelas dez horas, estávamos no alto, perto dum acampamento de índios, que nos socorreram.

«Depois disso, as etapas que se seguiram, pareceram-nos simples passeios; seguimos um planalto de silvas onde a caça abundava.

«Pouca sombra. Tinha-se renunciado a partir de manhã cedo e resolvido fazer a sesta do meio-dia às quatro.



«Na segunda tarde, chegámos à outra vertente, a duas milhas de S. Miguel, onde estaríamos no dia seguinte. Logo que se tomou a refeição, deixámo-nos, a fim de estar cedo a pé.

«Fazia calor; eu tinha febre, um acesso que se apoderou de mim subitamente.

«Procurando a frescura, suspendi a minha rede a alguma distância dos meus camaradas, à borda dum charco onde existiam algumas árvores bastante copadas. Com o meu sabre, cefei uma braçada de plantas odoríferas, arranjando assim um colchão e até um travesseiro... nos quais me estendi refasteladamente:

Apenas conservava o meu sabre para enxotar os morcegos. Falo do morcego vampiro, que lhes tira um pouco de sangue sem que vocês despertem.

«Baloçada na minha rede, arquiectava sonhos de ouro e calculava a fortuna que aquele bandido do Esquiros esperava. A febre, que devia ser muito alta, que naturalmente estaria no máximo, quebrou-me os braços e as pernas. Ao contrário disso, os meus sentidos e o ouvido em particular, tinham adquirido uma acuidade extraordinária.

«Pela meia-noite, ainda que estivesse bastante longe do charco, distingui, desse lado, passos abafados, como sufocados pelo lodo, depois lambidelas.

«Eram os animais do pântano que

estavam a saciar a sede no bebedeiro nocturno. Bruscadamente, cessou esse rumor. Alguma coisa sucedera que tinha afastado os bebedores.

«O primeiro pensamento que me ocorreu, foi agarrar na carabina que me ficara no chão e ir ver o que se passava: não me apressei, porém, atento a um outro ruído, muito próximo e mais preciso.

«Dir-se-ia dum animal aguçando as garras no tronco duma das árvores.

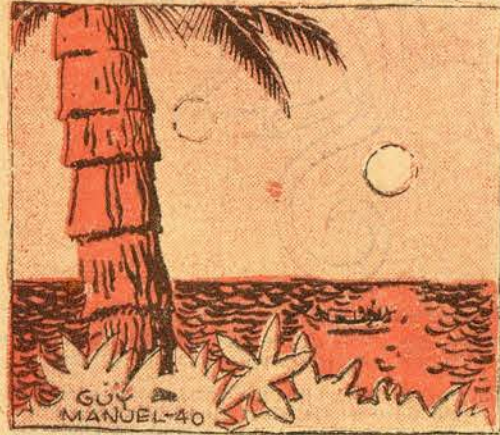
«Ergui-me um pouco. A meus pés, entre a massa sombria da folhagem, duas pupilas fosforescentes, acabavam de se inflamar: o jaguar! Estava ali, agachado ao comprido, sob o ramo que sustinha a minha rede.

«Em baixo, um outro jaguar rodava, pronto a dar-me o golpe final...

«Já tinha ouvido dizer que uma forte emoção podia afugentar a febre. Palavra de honra, acredito-o... porque nesse momento já não sentia o mais pequeno vestígio do meu mal. Todo o meu vigor reapareceu, armando-me contra o meu inimigo mais próximo.

«A fera, com uma pata estendida, tenteava a minha rede. Essa rede, oscilante, inquietava-o—mas isso apenas durou um instante: incessantemente ia saltar, pôr-me as garras no pescoço... Eu teria podido chamar. Mas não pensei nisso.

(Continua na página seguinte)



Caçadores de penas

(Continuado da página anterior)

«Fiz o que tantas vezes vi fazer aos meus andinos. Enrolei a minha véstia à roda do braço esquerdo e agarrei no sabre com um punho firme. A fera esperava, a garra pronta para o combate, a rôsea goela aberta.

«Como eu me mexia, a rêde começou a dansar e o traveseiro voou pelos ares.

«Era outro jaguar que vinha pelas minhas costas. Sentia-lhe o bafo quente na nuca. O companheiro, o que estava em frente, esperava para saltar. Então, sem bem saber o que fazia, atirei o meu golpe... com tôda a minha força!

«A lâmina deu em cheio no alvo, na queixada; ressaltou, atravessando o céu da boca, cravando-se no cérebro, e o jaguar caiu fulminado. No mesmo instante, fui arrastado, deitado a terra, por uma garra que me esfacelou o ombro.

«Ergui-me e compreendi então o que me salvara... —mas apenas por quanto tempo?... —O jaguar tinha as patas trazeiras prêsas na rêde, como num laço, e as outras embaraçadas no colchão de ervas. Ele rugia, moradia as cordas, procurando livrar as patas pendentes, para saltar sobre mim. Eis o que era preciso evitar.

«Agarrei uma das patas com a mão direita, e, com a outra, a esquerda, puz-me a massacrar o inimigo. Rugia com resistências terríveis, sentia pancadas nos rins que me levantavam. Uma a uma, as malhas estalavam, e o animal passou através delas.

«Eu recuei logo... O ataque que eu esperava não veio, porém. O animal afastava-se, arrastando as entranhas, e não pensei em persegui-lo.



«Eu também tinha apanhado a minha conta, a-pesar-de que a minha ferida era mais dolorosa do que grave. Dois dias depois, eu podia continuar a marcha e, na terceira noite, estávamos em S. Miguel, em segurança, nós e o nosso precioso carregamento!

Trad. de Amélia Ferreira

(1) — Veneno vegetal, de que só se servem os índios para as suas flechas.

Os ditos do Zé Balbino

NÃO sei se conheceram o Zé Balbino, um saloio muito estúpido, que morava em Sacavém.

Conheci o Zé Balbino em pequeno. A casa dêle era ao pé do rio Trancão. Certo dia, um motociclista, dispendo-se a passar a vau o rio, perguntou ao rapaz:

—«Olha lá, o rio aqui é muito fundo?»

—«Isso sim! Pode passar à vontade.»

O motociclista mete-se à água mas, vendo-se em riscos de se afogar, volta imediatamente para trás.

—«Estúpido! E dízias tu que não era fundo?»

Responde-lhe, então, o rapazito:

—«Sim, eu uma motonunca vi atravessar o rio, mas tenho visto os patos; e a água não lhes chega senão até meio da barriga.»

para a escola. Meses depois, a professora perguntou-lhe, apontando o mapa:

—«Onde está o mar Morto?»

—«Não sei, minha senhora.»

—«Então, não sabes onde está o mar Morto?»

—«Não, minha senhora — (respondeu o saloio). — Nem mesmo me constou que o mar tivesse estado doente.»



A vida dá tanta volta! Zé Balbino veio para Lisboa e, pela primeira vez, entrou num carro «eléctrico» para Gomes Freire. Sentou-se e viu que um homem dizia ao condutor:

—«Bernardim Ribeiro.»

Outro passageiro falou da mesma forma:

—«Ferreira Lapa.»

Ainda outro, disse:

—«Luciano Cordeiro.»

Calculou o saloio que o condutor perguntava o nome aos passageiros. Por isso, ao chegar a sua vez, tirou o barrete, dizendo:

—«Eu cá sou Zé Balbino, um seu criado.»

Nessa tarde, foi com o compadre Libânio a um restau-



Daf a tempos, o pequeno fol



—Diga-me cá, o seu cão costuma estar assim sempre, tão atento a olhar, quando o senhor faz a barba aos outros fregueses? —
 —Sabe o senhor?... — (respondeu o Zé Balbino) — É que eu, ultimamente, cortei, sem querer, um pedaço de orelha a um desgraçado e o cão, agora, julga que apanha todos os dias igual petisco.»



Passaram tempos. Zé Balbino conseguiu fortuna. Casou e teve um filho e uma filha. O rapaz foi para Coimbra, a fim de se formar, mas gastava muito dinheiro. Por isso, certo dia, indignado, o pai escreveu-lhe:
 —Estou por tal forma zangado contigo que resolvi sus-

rante. Comeram e, depois da sopa, diz o saloio:
 —Estas fatias de pão, são duras como pedra!
 —Fatias de pão? Ó grande palerma, isso são tabuleiros de cortiça para pôr em cima as travessas!...»



A muito custo, o compadre arranjou-lhe um lugar para criado de mês. Dai a dias, um freguez, ao almoço, barafustou:
 —Rapaz, esta água não me serve. Está turva.»
 —Pode beber, sem receio. A água é limpa; o copo é que está sujo.»
 Claro que, no mesmo dia, foi despedido.



Aprendeu o ofício de barbeiro. Estabeleceu-se e comprou um cãozito para se entreter nas horas vagas. Certa vez, um cliente, admirado por ver o cão a olhar, fixamente, para ele, perguntou:



pender-te a mesada. O dinheiro que receberes, daqui por diante, será mandado por tua mãe, sem eu saber. E olha que, se não estudares, ficas sendo burro de nascença. Teu pai, José Balbino Fonseca.
 «Post-scriptum» — Se não receberes esta carta, avisa, para eu tornar a escrever.»



A rapariga estava no Conservatório, a tirar o curso de rudimentos de piano. Por isso, Zé Balbino, um tanto orgulhoso, dizia, lá na loja, para quem o queria ouvir:
 —A minha «Ofrásia» anda no «Observatório», no segundo ano de «rendimentos».

Manuel Ferreira

UMA CONSTRUÇÃO

COLAR AS QUATRO PEÇAS EM CARTOLINA.

ABRIR AS PEQUENAS LINHAS QUE SE ENCONTRAM NOS OLHOS. CORTAR, PELO PONTUADO, AS FENDAS EM A E B. DEPOIS RECORTAR A PEÇA C E INTRODUZÍ-LA NAS



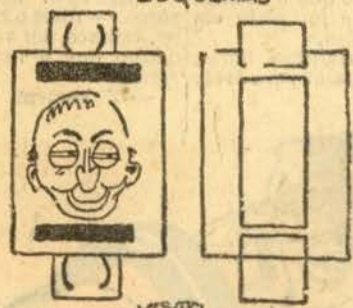
FENDAS CORTADAS. COLAR DEPOIS AS FIRAS A' E B' RESPECTIVAMENTE EM CIMA DE A E B MAS APENAS NAS PONTAS.

PARA QUE A FIGURA MECHA OS OLHOS BASTA AGORA MOVER A PEÇA C PARA BAIXO E PARA CIMA

C



ESQUEMAS



DE FRENTE

DE TRAS

O CÁGADO TROCISTA

(Continuado da página 3)

para lhe pregar um grande susto. Não lhe ficaram de emenda, porém, tão tristes experiências, como ides ver:
 Dona Salamandra dava um jantar em honra da sua amiga Dona Rá, pois estava-lhe muito reconhecida por tudo que por ela tinha feito. Acendeu uma fogueirinha para assar um bom peixinho que tinha pescado, e, quando esta estava ardendo bem, pegou no peixe com a boca — não sei se sabem

que as salamandras podem atravessar o fogo sem se queimar — e correu através da fogueira, várias vezes, para traz e para diante, até que o peixinho ficou bem assadinho.
 O Cágado Vaidoso, que de longe a observava, resolveu fazer-lhe uma partida, para se vingar da cuspidela que tinha apanhado, e, saindo do lago, atravessou um pequeno caminho, em direcção à Salamandra.
 Nessa mesma ocasião ia a

passar um garoto mau, que valeu. Reanimou-se com a embirrava com cágados, e que água e jurou a si mesmo nunca imediatamente lhe deu um mais trocar nem fazer partigrande pontapé. O Cágado Vaidoso foi pelo ar e caiu atordado no lago; foi o que lhe

Maria Frederica

O PEDINTE AMBICIOSO

CONTO DA TRADIÇÃO POPULAR, RECOLHIDO POR MARIA DE ALPIARÇA

Meus queridos pequeninos: Vou-lhes contar um conto que aprendi com a minha avózinha, quando eu também era pequenina.

Uma vez, numa charneca alentejana, naquelas longas planícies, onde alvejam montes minúsculos, muito caiados de branco, muito risonhos e acolhedores, apareceu um maltrapilho, de aspecto feroz, a pedir alguma coisa para viver; e, chegando a uma porta, bateu com a aldraba umas rijas pancadas, que ecoaram pela solidão do êrmo:

— «Truz... Truz...»

Ao chamamento acudiu uma mulher já idosa, que indagou com brandura:

— «O que queres, homenzinho?»

— «Venho pedir-lhe alguma coizinha, pelo amor de Deus» — disse êle.

O homem era daqueles que trazia Deus na boca e o demónio no coração.

A alentejana ficou apouquetada. Não tinha cozido a amassadura, e em casa só tinha grão por moer.

— «Não tenho pão cozido — disse-lhe ela. Olhe, tiozinho, só se lhe der uns baguinhos de milho.»

— «Aceito» — disse o homem — e seguiu o caminho que levava.

Chegando a outro casal, bateu de novo à porta:

— «Truz... Truz...»

Apareceu a dona da casa ao postigo, para ver quem batia.

— «Venho pedir-lhe uma esmola, e pedir-lhe, também, que me guarde estes baguinhos de milho, que trago no alforje» — disse o homem.

A mulher deu-lhe uma fatia de pão, e, sem mais palavras, pegou no milho que o homem lhe entregou e foi pô-lo em cima duma mesa.

Decorridas algumas horas, apareceu o homem para levar o milho.

— «Olhe, — disse-lhe a mulher, bastante aborrecida — puz o milho em cima da mesa da cozinha, e a minha galinha foi lá e comeu.»

O homem ficou a pensar algum tempo, dizendo, por fim, de semblante tórvo:

— «Então, dê-me a sua galinha!»

— «O' homenzinho! — exclamou a mulher, admirada com a ousadia do pedinte — eu dou-lhe já a minha galinha! Você está doido?»

— «Não estou doido, não senhora; quero o meu milho!»

— «O seu milho, comeu-o a minha galinha» — repetiu a mulher.

— «Nesse caso, dê-me a sua galinha.» — Teimou, mais uma vez, o pedinte.

All se travaram das suas razões, até que a mulher lhe deu a galinha para o não ouvir.

Dali, foi o homem bater a outra porta que ficava retirada uns quinhentos metros, e, depois de pedir esmola, disse à dona da casa:

— «A senhora faz-me o favor de guardar esta galinha por um bocadinho?»

A mulher pegou na galinha e foi fechá-la na galinheira; mas, como o demónio, quando lhe parece, tece-as, a porta da galinheira abriu-se com o vento, e a galinha, vendo-se em liberdade, foi meter-se no pocilgo, servindo de manjar ao porco, que a comeu e ficou a chorar por mais.

Neste meio tempo, apareceu o homem para levar a galinha.

— «A galinha comeu-a o meu porco.» — disse o homem, envergonhada por não ter guardado convenientemente o galináceo alheio.

— «Então, dê-me o seu porco.» — disse o homem a sorrir, velho, por ver o bom caminho que o negócio ia levando.

— «O' homem de Deus!»

— «O' homem de Deus!»



gritou a casaleira — você não está escorrito do juízo? Então, não querem ver que me quero roubar o porco!

— «Se não me queres dar o seu porco, dê-me a minha galinha.» — teimava êle.

— «Já lhe disse, que a sua galinha comeu-a o meu porco!» — desculpava-se a mulher, em alta grita.

— «Eu, também já lhe disse que quero o porco.» — teimava o maltrapilho, duma forma que não admitia réplica.

A mulher, atemorizada com o aspecto do seu interlocutor, acabou por aceder ao que êle exigia.

O homem atou um cordel à perna do animal, e foi andando, foi andando, até chegar a outro casal próximo.

All, pediu à dona da casa que lhe guardasse o porco, até êle voltar, porque ia mais adiante pedir esmola.

A mulherzinha, incauta como as primeiras, recolheu o porco; e como o animal grunhiu com fome, mandou-o guardar pela filha, que se encaminhou com êle para um prado verdejante, que havia um bocadinho retirado de casa. All, pôs-se de brincadeira com umas pastorinhas que andavam a guardar ovelhas, e deixou fugir o porco.

O homem, já tarde, apareceu a reclamar o que era seu, e qual não foi o seu espanto quando a mulher lhe disse, com grande mágoa do seu coração, que a filha tinha deixado fugir o porco.

— «Então, dê-me a sua filha!» — gritou o homem, de veras colérico, por ver que desaparecera a melhor assadura que êle já mais comeria em sua vida.

— «O' tiozinho — disse a mulher furiosa — você será parvo? Não querem ver o desplante! Que lhe dê a minha filha? Que conta havia eu de dar da cachopa ao meu homem?»

— «Ou o porco ou a cachopa!» — teimava o patife.

E tanto teimou, e tanto ameaçou que mataria a mãe e a filha, que a pobre mulher entregou-lhe a pequena, para a não ver morta.

O homem pegou-lhe ao colo e meteu-a dentro dum sacco; então, pondo às costas o precioso fardo, dirigiu-se a outro casal, onde morava a madrinha da menina.

Quando all chegou, bateu à porta:

— «Truz... Truz...»

A mulher accorreu solícita a indagar o que o pobre queria; e depois de êle lhe fazer o pedido de deixar ficar o sacco, ficou-se a olhar o vulto que all ia dentro, parecendo-lhe ver, pela abertura, uma cabeça humana.

Quando o homem já ia longe, foi ver o que seria, ficando espantada quando viu a afilhada em tão critica situação.

Sem mais delongas, pôs no lugar que a afilhada tão incomodamente ocupava, a cadela Lira; animal bravo, guarda vigilante do monte, que mordida sem piedade quem dele se aproximava. E, fechando cuidadosamente o sacco, esperou os acontecimentos.

Era já noite fechada quando o maltrapilho foi reclamar o sacco.

Sem temer o caminho, pôs de novo o sacco às costas, e embrenhou-se na noite escura. Porém, mais adiante, lembrou-se que a pequena devia ter fome; e pondo o sacco no chão, espreitou para dentro, dizendo solícito:

— «Queres comer, cachopa?»

A Lira, aborrecida com a improvisada cadeia, e vendo um estranho junto de si, abriu as fauces com gana e arrancou o nariz ao homem, sem cerimónia nenhuma.

Foi muito bem feito, para êle não ser mau e não se meter em nova aventura.

